O cuidado na construção do comum

Uma metodologia de cuidado para espaços coletivos

Por Marília Guarita

INSTITUTO PROCOMUM

Os humanos nascem para cuidar. Nossas instituições estimulam ou deprimem a capacidade humana de cuidar.

Jane Dutton, 2017

No mundo, não há nada mais abundante do que a dor, o desconsolo, o desabamento. Nada é mais necessário do que oferecer confiança, paz ou tempo.

Antonio Lafuente, 2020

Esta metodologia é resultado da pesquisa de mestrado de Marília Guarita no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), agosto de 2021.

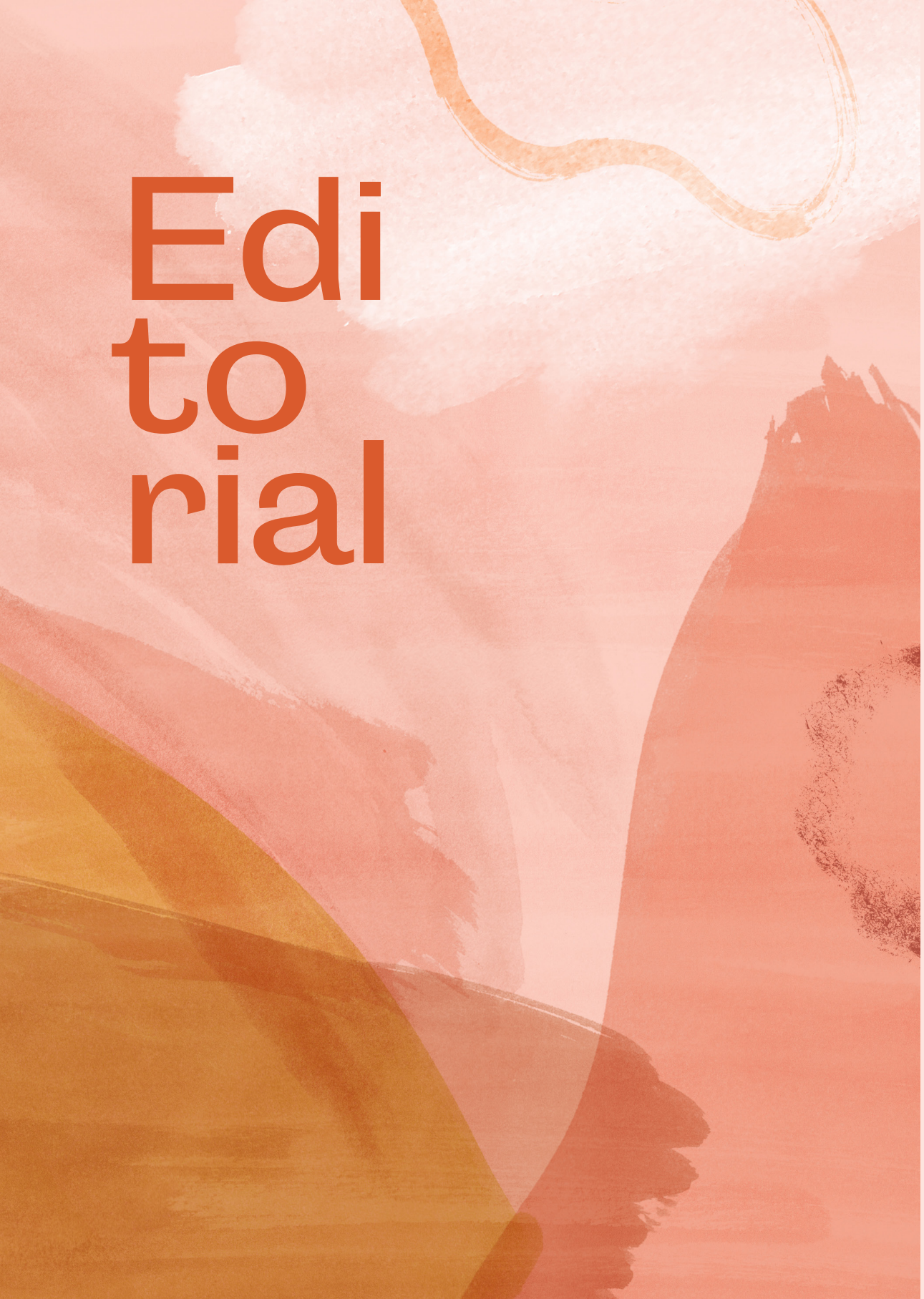
Apresentação

Esta publicação é uma sistematização de práticas de cuidados a partir do olhar cotidiano de dentro de um laboratório de inovação cidadã, o LAB Procomum; trata-se de uma conceituação convergente sobre **Comum, Laboratório de Inovação Cidadã, Corpo e Cuidado**, junto a uma cartografia de experiências, vivências, entrevistas, relatos e narrativas para que **espaços coletivos que se propõem a praticar o Comum possam operar A PARTIR do cuidado e PARA o cuidado.**

Nestes anos como observadora e diretora de recursos do Instituto Procomum, instituto responsável pelo LAB Procomum, eu e todas as envolvidas nessa construção fomos entendendo porque o cuidado é premissa e condicionante para qualquer construção de um laboratório de inovação cidadã, na tentativa de **garantir ambientes saudáveis para que uma comunidade possa forjar-se, participar, frequentar e construir, a partir de suas singularidades, a experiência do Comum entre os diferentes corpos.**

Se o Comum é uma alternativa política e socioeconômica, uma lente pela qual podemos olhar para diferentes áreas e encontrar novos modelos de auto organização, podemos dizer que **o cuidado pavimenta as práticas do Comum, a medida que o materializa e o corporifica**. Este "devir Comum" muitas vezes pode soar distante ou não palpável, mas na prática, no dia a dia do LAB Procomum, se aproxima da simplicidade de cuidarmos umas das outras, vivendo e produzindo a vida coletivamente, a partir das singularidades, histórias, memória e existência de cada corpo.

Edi
to
rial



Cuidar é prática coletiva

Por Marina Guzzo, que é artista, professora, mãe, cuidadora, pesquisadora e foi a orientadora da pesquisa que originou esta publicação

"Omwana takulila nju emoi" - provérbio Bantu, se traduzida literalmente é: "uma criança não se cria num único lar". Essa frase foi difundida como "é preciso uma vila para criar uma criança" (it takes a village to raise a child). Parto dessa sabedoria para pensar que o cuidado, desde que nascemos, é uma prática coletiva.

Mas o capitalismo patriarcal e o regime de trabalho ao qual somos submetidos faz crer que o cuidado é algo individual e feminino, esquecendo do fato que o cuidado é o que torna nossa vida vivível. Cuidar e ser cuidado é vital para sustentação da vida coletiva; é o cuidado que nos diferencia da barbárie, ensinando que dependemos do outro, que o outro depende da gente e que, podemos cuidar não só de nós mesmos, mas da terra, da água, das plantas, dos bichos, do ar e de toda rede emaranhada, visível e invisível que trama a existência terrestre.

Cuidar é sempre relação! No entanto, a noção de cuidado tem-se identificada principalmente com os profissionais de saúde; enquanto pessoas, comunidades e instituições não aprendemos a cuidar de maneira sistematizada. Se faz necessário produção e organização de conhecimentos, mas também pesquisas, práticas e experimentações para ampliar os caminhos de formação do cuidado que desconstruam essa espécie de cisão entre o saber, fazer e sentir.

Nessa pequena e preciosa publicação fica evidente que não dá (e nem seria possível), separar saber e sentir, e que, talvez, esse seja um caminho interessante para instituições e comunidades que queiram avançar nessa prática e nessa direção. A metodologia evidencia que o cuidado é um eixo que atravessa todos os aspectos do fazer comum: da gestão ao sonho, dos encontros aos desencontros, da comunicação ao toque, do território à utopia. Cuidar é premissa de um corpo que está presente, atento e engajado. Um corpo que se envolve e se alegra no encontro com o outro, que celebra e aprende a partir do fracasso e das dificuldades que é estarmos juntos diante das nossas diferenças.

A proposta nos ajuda a forjar gestos menores, com foco na potência dos pequenos movimentos que funcionam como redes de resistência e modos possíveis de agir coletivamente frente aos processos de adoecimento, exclusão, racismo e domesticação dos modos de vida contemporâneos. Nos faz pensar que não basta olhar o cuidado somente no momento da prática do cuidado em si, mas em toda prática relacional que se dá para que os corpos possam estar presentes, atentos ao que lhes acontece também em outros momentos.

Pensar o cuidado, o amor, o toque e movimentos a partir da prática operada por esta perspectiva, não só amplia o olhar para a vida, mas também contrapõe-se às políticas e biopoderes hegemônicos contemporâneos, impostos ao sistema de saúde, à atenção ao corpo e à subjetividade.

Se a saúde pela lente do Comum é um saber-fazer coletivo, diverso e processual, não basta nascer e sobreviver: queremos viver mais e melhor a potência do sonho de uma vida interessante!

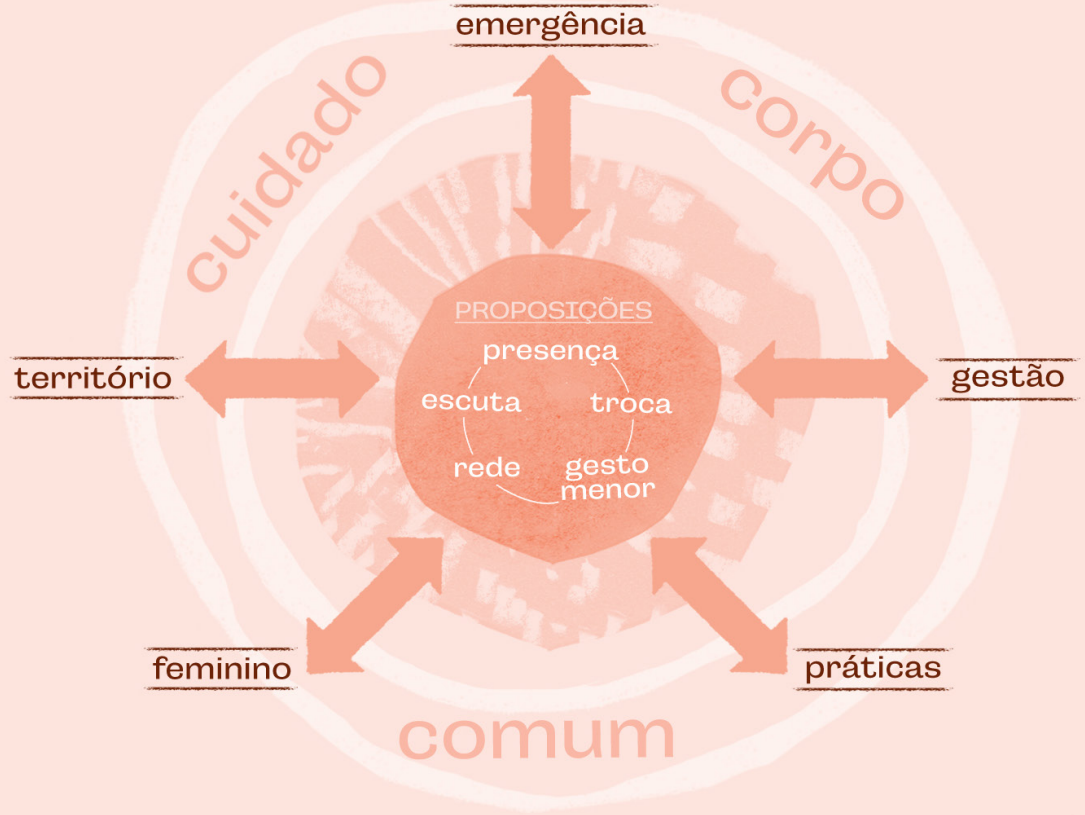
1
O comum como cuidado e o cuidado como comum

O cuidado (de si, do outro e de nós) aparece como a base que organiza as comunidades e os protocolos geridos por essa comunidade. Se não há Comum sem comunidade e protocolos, não há comunidade sadia e protocolos eficazes sem cuidado.

As histórias do Procomum cartografadas para a construção dessa metodologia são permeadas de encontros potentes, sutilezas poéticas e também erros, enganos, remorsos, angústias, frustrações e fracassos ao longo dessa jornada.

Se o Comum é um conceito aberto, em disputa permanente e que corre o risco de ser capturado justamente por aquilo que combate, vivenciá-lo com seus paradoxos e encruzilhadas é o que nos permite entender como o cuidado corporifica e dá materialidade às práticas do Comum.

O dispositivo aqui proposto se delineou com a premissa de ser algo vivo e inacabado e com o entendimento de qual lugar ocupamos, quais são nossas forças propulsoras e como tudo isso se conecta com o Comum.



2 Eixos estruturantes para o cuidado

Ao nos aprofundarmos nos conceitos (acadêmicos e não acadêmicos), na observação das dinâmicas das diferentes comunidades que ocupam o espaço do LAB Procomum e nas relações de governabilidade que o constituem, **compreendemos que o Laboratório Procomum é, antes de tudo, e em toda sua integralidade, um espaço de cuidado.**

Portanto, no LAB Procomum o cuidado opera não apenas como parte de um ou mais projetos (meio ou fim) mas sim se estabelece como transversal (meio e fim) aos projetos, pessoas e processos que ocupam este espaço onde a **ação coletiva é um verdadeiro laboratório de soluções para outras possibilidades de vida.**

Através da cartografia de diferentes histórias do LAB Procomum observarmos 05 eixos estruturantes que se relacionam com conceitos teóricos e saberes diversos sobre o Comum e que funcionam como portas de entrada e saída do Cuidado; à medida que pautam as práticas de cuidado, dentro de ambientes coletivos que experimentam o Comum, dão vazão aos encaminhamentos de cuidado e servem como indicadores para execução, avaliação, testes e ajustes.

Tais eixos funcionam como vetores vivos de cuidado para estabelecer **uma prática corpórea, tangendo a dimensão do cotidiano**, da não dissociação entre micro e macro.

Eixo 1:
Feminino

Refere-se às táticas coletivas e, por vezes, invisíveis de cuidado, desenvolvidas ao longo da história pelas mulheres; aquilo que Silvia Federici (2017) considerou trabalho invisível, que vem antes da produção, mas que está no centro da reprodução da vida e sem o qual a mesma não seria possível. Trazer a dimensão da potência feminina e da ancestralidade para estruturar outras formas de organização e de execução das demandas em geral (não apenas do cuidado) perpassa pelo eixo Feminino.

...essas relações que se produzem no cotidiano permitem uma experiência de geração de uma infraestrutura capaz de permitir a reprodução da vida material mais básica... O trabalho afetivo das mulheres... é um trabalho indispensável para o funcionamento do cotidiano e tem a ver com uma certa habilidade para contornar e amortecer os momentos mais difíceis.
Alana Moraes, 2018.

Como foi no LAB Procomum:

"Mulheres e o Comum" foi um percurso de quatro encontros liderado por Bianca Santana e Lia Rangel (respectivamente conselheira e fundadora do Instituto Procomum), ao longo de 2017, dentro do LAB Procomum, em que exploramos, em rodas de mulheres, como seria um mundo e uma organização construídos a partir do feminino e do feminismo. Nesta experiência vivenciamos uma proposta de, a partir do feminino, estruturar, realizar e celebrar passagens essenciais e perenes da constituição dos mais variados fluxos e processos da instituição.

Eixo 2:

Territórios

Refere-se à costura ampla e ininterrupta que deve ser feita entre o que o território pulsa e como os parceiros interagem, perpassando por pessoas, lideranças, recursos, equipamentos públicos, instituições, legislações e políticas públicas. Como aliar-se às potências translocais, construindo conhecimentos coletivamente e buscando soluções conjuntas para as adversidades com as quais nos deparamos.

... Uma dança menor, pensados aqui, seria então, a proposição ... que evidencia as passagens necessárias para o encontro comum, entre as pessoas a e as proposições coreográficas, com foco na potência dos pequenos movimentos que funcionam como redes de resistência e modos possíveis de agir e criar coletivamente.

Marina Guzzo, 2021.

Como foi no LAB Procomum:

Compreender e reafirmar que o LAB é um laboratório de inovação cidadã e não uma clínica nos permitiu ter clareza dos limites da instituição e ao mesmo tempo reconhecer os recursos e tecer as nossas possibilidades de cuidado junto as nossas comunidades Assim, as parcerias institucionais e territoriais mostraram-se vitais no processo de mapear e acessar as redes locais de cuidado.

Eixo 3:

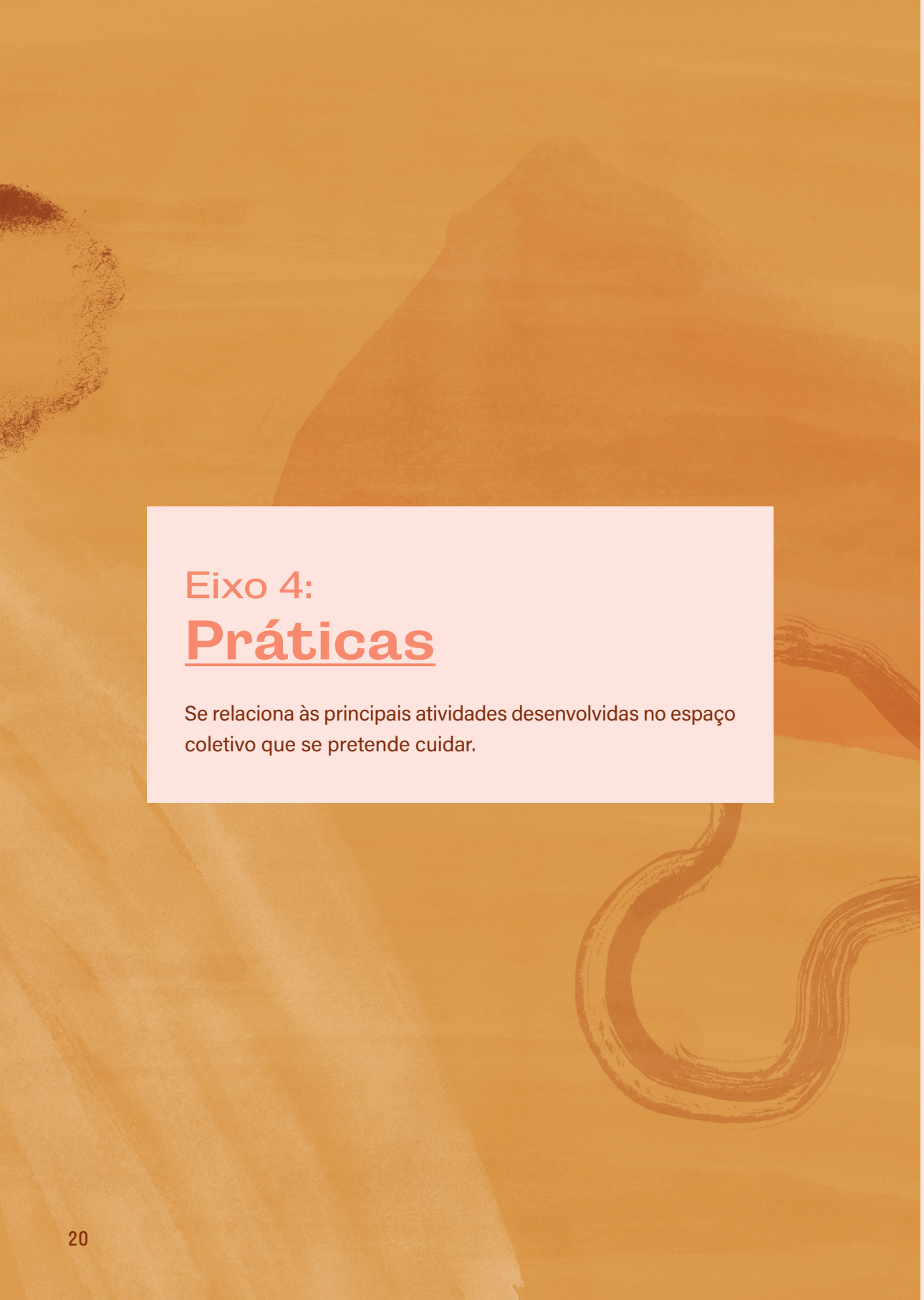
Gestão

Refere-se às camadas do cotidiano para dentro do espaço e/ou instituição, impactando especialmente na(s) equipe(s), projetos e processos internos.

O Comum é perigoso para o mundo heterosocial e doméstico porque ele perfaz formas coletivas e companheiras de viver a vida – entre espécies, entre gêneros...
Alana Moraes, 2020.

Como foi no LAB Procomum:

Observamos como as práticas e políticas de cuidado, que aos poucos foram (e continuam) sendo tecidas no LAB Procomum, partem das experiências internas, do dia a dia da equipe do Lab, atentando-se ao "como" se faz, capturando desafios expostos, pactuações, repactuações e novas tentativas em direção à assertividade cuidadosa, junto à equipe, comunidade, parceiros e financiadores.



Eixo 4:

Práticas

Se relaciona às principais atividades desenvolvidas no espaço coletivo que se pretende cuidar.

A ideia de que não há comum sem o processo de produzi-lo merece nossa atenção porque ela reforça que o Comum é um caminho, em constante movimento.
Rodrigo Savazoni, 2018.

Como foi no LAB Procomum:

No caso do LAB Procomum, as atividades são, em sua maioria, passagens da Colaboradora, a escola aberta, livre e gratuita, e dos Grupos de Trabalho e Estudo, com encontros formativos e de desenvolvimento de protótipos onde o cuidado se tornou começo, meio e fim experimental para os participantes dos encontros. De nada adiantaria fomentar uma estrutura propositiva, a partir do cuidado, se as atividades finais não reverberassem sua intenção.

Eixo 5:

Emergência

Trata de situações extremas em que o cuidado tende a ser desconsiderado, em função da agilidade e prontidão que tais situações de emergência demandam, com ações estruturadas a partir de metodologias improvisadas, urgentes e elementares, demonstrando como o cuidado, em situações emergenciais, pode ser o principal bem comum de uma comunidade e como esta precisa agir.

Um momento no qual o sofrimento individual e o desespero encontram, justamente, uma nova dimensão capaz de produzir implicações e interdependências. A "cura" é produzida por esses diversos deslocamentos. O primeiro tem a ver com o reconhecimento da vulnerabilidade do outro, o segundo com a nova espacialidade vivida para além da casa e do espaço doméstico e uma nova comunalidade radical, o terceiro deslocamento tem a ver com o momento de novas implicações e responsabilidades com a vida coletiva, o "tornar-se alguém que importa" porque se é capaz de "fazer funcionar" as demandas ...

Alana Moraes, 2018.

Como foi no LAB Procomum:

Em 2020, com a pandemia do coronavírus, o Instituto Procomum, junto a mais 03 organizações, formou a Frente Baixada pela Vida. Durante esse processo pudemos experimentar micros processos de abertura para deslocamentos e desaprendizagem. Tivemos que desprender-nos de hábitos e certezas para aquele momento que nos cobrava movimentos rápidos; observar as potências e fraquezas de si e do outro, individualmente e institucionalmente para abrir espaço para uma dosagem equilibrada de intuição e racionalidade nas estruturas e ferramentas coletivas que estavam sendo criadas.

3
Proposições para o cuidado

A partir dos eixos que emergiram da cartografia das experiências do LAB Procomum - foi possível perceber valores e padrões permanentes que subsidiaram a identificação de forças que transpassam pelo feminino, território, gestão, práticas e emergência. A essas forças, chamamos de **“PROPOSIÇÕES”**.

Essas proposições consolidam-se pela observação das experiências junto às formulações, especialmente a partir dos seguintes pesquisadores: **Bianca Santana, Lia Rangel, Mario Rodrigues, Erin Manning, Alana Moraes, Luciane Ramos, Marina Guzzo, Flavia Liberman, Omoloji Àgbára, Gayatri Spivak e Guacira Oliveira**.

Investir na escuta e no acolhimento é um investimento no "mais humano" do ser.
Leonardo Boff.

Proposição e prática dentro do LAB Procomum:

A escuta para o cuidado é ativada quando permite que corpos tão diversos compartilhem dores e aprendizados; quando cremos que dentro da gestão, aprender a comunicar-se bem é um movimento de cuidado em direção a si e ao outro; quando concebemos nossas práticas sob a premissa da escuta de saberes diversos; quando vislumbramos a escuta também como cura para um território; quando abrimos espaço para acolhimento e diálogo ainda que pareça não haver tempo para o outro diante do cotidiano que impõe urgências.

Proposição 1:

Escuta

De si e do outro

Muitas são as metodologias de aperfeiçoamento da escuta disponíveis nos dias de hoje. Isso porque fica cada vez mais evidente que é possível instrumentalizar-se para qualificar a escuta e que o Comum se organiza a partir do fundamento da diferença e da possível tensão dessa construção entre os diferentes. A vivência dos conflitos como via de transformação e mudança demanda buscar as resistências e afastar a falsa ou superficial harmonia. É pela capacidade de acolhimento e diálogo que se extrai a potência inovadora que pode emergir dos conflitos. É por isso que é fundamental entender que acolher não é pacificar, contemporizar e homogeneizar, mas sim permitir a existência de todas as partes, inclusive as mais sombrias; **é assumir radicalmente a pluralidade, a diferença e todas as suas consequências, inclusive a consequência de construirmos um Comum**. E a predisposição em acolher e escutar o outro é também um movimento para auto escuta e auto acolhimento. Tal proposição não impede a ocorrência de resistências e embates, mas garante que possam ser superadas pela convivência amorosa, emergindo com maior impulso a dimensão de alteridade, de respeito, tão vital para construção de ambientes coletivos.

Comunidade não somente cria abundância – comunidade é abundância. Se pudéssemos aprender esta equação com o mundo da natureza, o mundo humano seria transformado.
Parker Palmer, 2017.

Proposição e prática dentro do LAB Procomum:

As redes e comunidades de cuidado são forjadas quando as mulheres participantes se percebem tão diferentes entre si e, ainda assim, se conectam para cuidar-se; quando prezamos pelas singularidades para a gestão do coletivo; quando reafirmamos em nossas práticas o fomento e fortalecimento de redes de apoio; quando dependemos da colaboração em rede para criar soluções para uma vida em comum e para sermos fortes o suficiente para enfrentarmos uma pandemia.

Proposição 2:

Redes e Comunidades

Não há cura que não seja coletiva

O encontro com o coletivo, a constituição de comunidades e a formação de redes apresenta-se como possibilidade de cura ao produzir implicações, interdependências e deslocamentos, que têm a ver com o pertencer a algo, ter responsabilidades com um grupo, com "tornar-se alguém que importa" (MORAES, 2018, p. 73). Ao coletivizar radicalmente, rompe-se com o caráter meramente representativo para também existir a partir dos encontros, da produção colaborativa de saberes. Assim, a dinâmica de interação que o Comum implica para se realizar desperta, ensina e encarna uma outra forma de viver, com subjetividades articuladas ao coletivo e desvencilhando-se de camadas estruturais individualistas. Garantir o cuidado em espaços coletivos é coletivizar os cuidados em todas as instâncias; investir e fortalecer as mais variadas comunidades para que, ao fim, além de todos os seus fazeres, também sejam redes de cuidado.

'Dê seu fósforo, mas fume junto'. Gosto desse provérbio Yorubá, pois ele nos ensina o valor da parceria e de se colocar não como altruísta, mas como companheiro daquela pessoa à qual você deseja contribuir. [...] nos ensina também sobre sempre que possível nos dispormos como parceiros, estando juntos, fazendo pelo outro, mas sem esquecermos de nós mesmos. O altruísmo é uma perspectiva ocidental e frágil.

Omoloji Àgbára Dúdú[1]

Proposição e prática dentro do LAB Procomum:

As trocas permeiam o cuidado ao promover encontros entre os diferentes como quando os participantes dos circuitos de inovação cidadã são convidados a trazer seus saberes para roda; ao prezar pelo deslocamento de protagonismos para gerir e compor o Comum; ao reforçamos o convite à autonomia e emancipação dentro de nossas práticas; ao estabelecermos as trocas com o território e com a comunidade como fundamentais para tecer os processos de cuidado em situações emergenciais ou não.

Proposição 3:

Troca

Recuperando a inteligência coletiva

Dar, receber e retribuir. As relações, os encontros e o fazer como caminhos de via dupla, nos quais o cuidado instaura-se a partir da lógica da reciprocidade. Uma disponibilidade permanente em fazer parte de uma engrenagem que depende da complementaridade de saberes e da colaboração e que convida para que todos possam ser aprendizes, professores, avaliadores, narradores, etc. É a partir das relações interdisciplinares de trocas que construímos espaços qualificados de escuta e de experimentação, com disponibilidade de tempo e recursos, abertos ao erro e ao equívoco, inerentes aos processos coletivos. Assim, podemos sonhar com a construção de um ecossistema saudável, cuidadoso, que reproduza um sistema apropriado ao território, impulsionando e fortalecendo a lógica da colaboração.

Pequenas coreografias cotidianas que mudam posições de corpos, tempos e espaços.
Marina Guzzo, 2021.

Proposição e prática dentro do LAB Procomum:

Um laboratório de inovação cidadã é feito de gestos menores para o cuidado. É estar em roda, cozinhar e limpar juntos, compartilhar comida, criar fissuras nos enfrentamentos de gestão, ir a lugares distantes para que pessoas distantes possam também experimentar o "comunhar", dançar e performar para o território e com o território; é perguntar, antes de começar uma reunião "como você está hoje? posso fazer algo por você?"

Proposição 4:

Gesto Menor

Fissuras ininterruptas

Desenvolver e investir nas micropolíticas e gestos menores como estratégias de ativismo e resistência para o cuidado, entendendo que esses conceitos não tratam de um gesto pequeno. Tal caracterização não é necessariamente marginal ou vinculada às minorias; podem passar despercebidos ou serem estrategicamente confundidos com sutilezas, mas sua possibilidade reside nas microfissuras ininterruptas; justamente por serem menores ainda não estão totalmente constituídos, abrem-se para novas possibilidades e ativações, geralmente, com menor resistência, já que os processos costumam ser mais relevantes do que a relação de causa e efeito de cada gesto.

Presença não faz nada extraordinário aparecer, mas marca a emergência de alguma coisa muito ordinária e transforma-a em um evento: a natureza do ser humano como mente encarnada. Assim, a existência diária é experienciada como extraordinária – transformada e até transfigurada.
Erika Fisher-Lichte, 2012.

Proposição e prática dentro do LAB Procomum:

A presença qualificada possibilita escutar para além de ouvir, entender as trocas como dar, receber e retribuir, perceber o feminino também como um fazer existir, vislumbrar redes e comunidades de cuidado; estar presente não necessariamente significa ter controle dos desdobramentos da presença; é sob o efeito daquilo que não se pode medir - a presença - que se produzem as subjetividades para instituir o Comum.

Proposição 5:

Presença

Do ordinário ao extraordinário

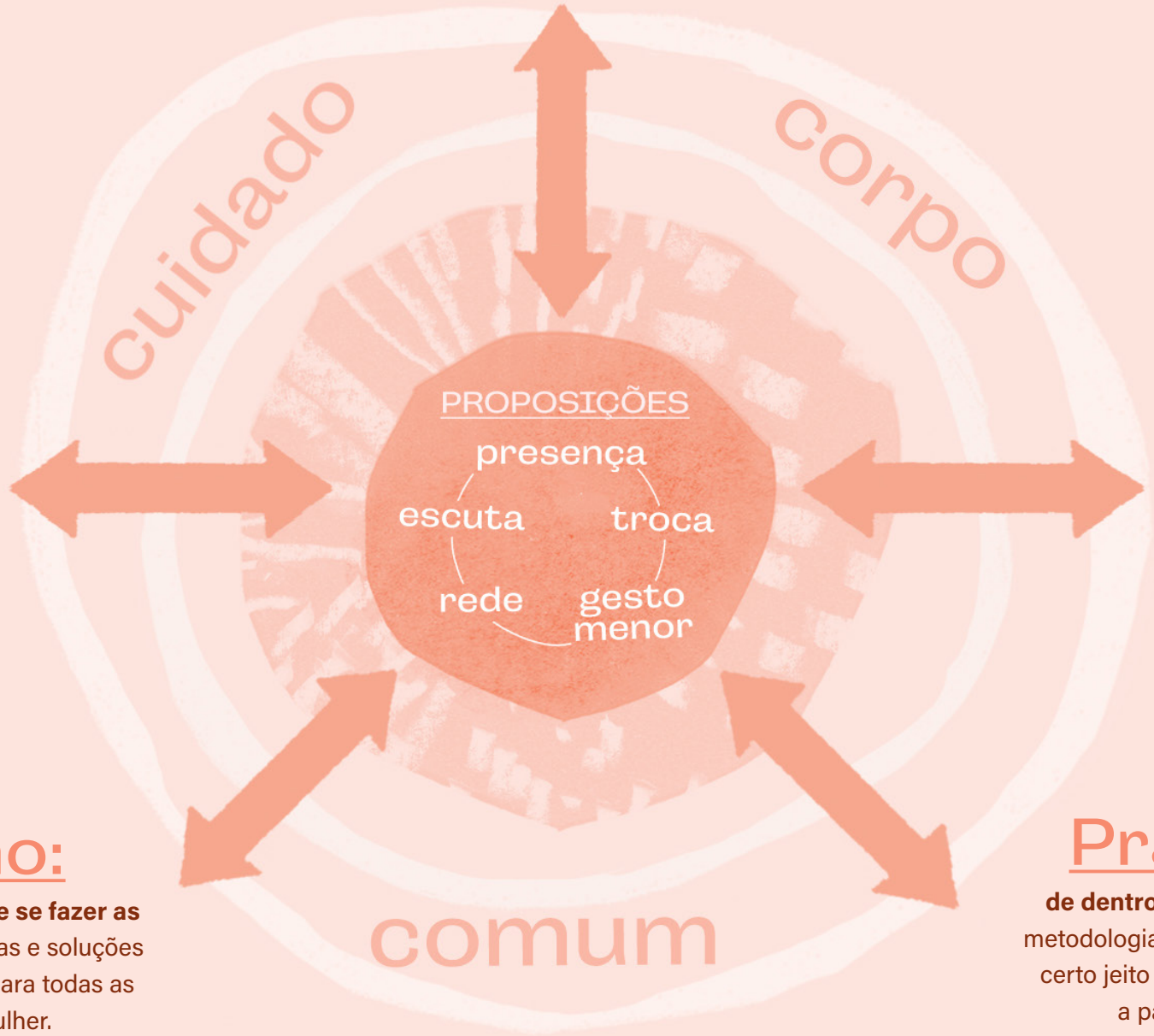
"Entende-se por presença a capacidade movida pelo desejo de se estar simultaneamente no mesmo tempo e espaço em que se está. No presente, com atenção e vontade" (FEDERICI e GUZZO, 2020). As proposições acima citadas podem ser consideradas como ativadoras de ser e estar presente à medida que demandam um estado de presença; todas podem ser ativadas em diferentes estados, entretanto evocar a presença qualificada como um fenômeno linear, intermitente e contínuo em um contexto coletivo, com tantas distrações, talvez seja o maior ato de cuidado consigo e com o outro.

Emergência:

quando o tempo urge; quando planos e prioridades são capturados; **quando o cuidado é vital, mas pode ser facilmente omitido**.

Território:

espaço e pessoas; onde, quem e o quê; **de onde se escuta e para quem se faz**; parceiros e aliados.



Gestão:

de dentro para dentro; fluxos internos; processos, protocolos e indicadores que garantam um funcionamento, neste caso, a partir do cuidado.

Feminino:

mulheres, no plural; **um jeito de se fazer as coisas**; necessidades percebidas e soluções propostas desde e ao fim de, para todas as formas de existir-se mulher.

Práticas:

de dentro para fora; métodos e metodologias que apontam para um certo jeito de se fazer, neste caso, a partir do cuidado.

4
Nota final

Dentro do processo do fazer Comum, em que a relevância das subjetividades são tão constituintes quanto o domínio instrumental, uma concepção mais limitada de cuidado não nos é suficiente. É necessário uma perspectiva emancipadora, na qual o cuidado aparece como aquilo que torna possível as muitas existências para criar novas normatividades. Cecílio (2009) complementa, afirmando que a gestão do cuidado pode ser entendida como "provimento ou a disponibilização das tecnologias de saúde, de acordo com as necessidades singulares de cada pessoa, em diferentes momentos da vida, visando ao bem-estar, segurança e autonomia para seguir com uma vida produtiva e feliz".

Ao definir essa conceituação de cuidado, encontramos consonância com as palavras de Massimo De Angelis (2006), "there is no commons without commoning": um bem comum é simultaneamente um "substantivo" - o bem compartilhado (cuidado) e um "verbo" - a ação de compartilhar; o commoning, o "fazer comum" (cuidar).

Ao sistematizar essa metodologia na qual espaços coletivos são observados para e a partir do feminino, do território, da sua prática e gestão e das possíveis emergências, conseguimos disputar novos modelos de cuidado com a possibilidade de uma alternativa autônoma e ao mesmo tempo compartilhada, descentralizada e conectada ao que o território demanda e oferece.

Uma nova ordem que corporifica o cuidado como centro das relações, por meio de um corpo que se abre para trocas, presença, comunidade, escuta e gestos menores consigo, com outros e com o meio.

Fechamento

Cuidado é verbo

Por Lucia Nader, ativista de direitos humanos, cientista política e admiradora de pessoas e organizações que buscam no cuidado sua bússola política

Cuidado é verbo. Intransitivo e polêmico, como o amor em Mário de Andrade. Interpessoal e diário, como em bell hooks. Cuidar é individual, relacional e coletivo. É cuidar de si, do outro e de nós. Cuidar é ter presença, escuta, troca, rede e gestos menores, como bem nos lembra a querida Marília nessa linda e potente publicação.

Ser ativista é agir para cuidar e cuidar ao agir. É se importar com cuidar para e durante a prática efetiva de transformação da realidade. É permitir ser e sentir. Antes, durante e depois de agir. A dor de ativista é muita. A culpa e a responsabilidade também. São os sentimentos que nos movem e embalam nossas ações. Mas que também nos fragilizam se não forem cuidados e sentidos em toda sua inteireza.

Ser ativista é cuidar do poder de cada uma de nós. É cuidar do poder que brota internamente e nos dá força para transformar a realidade. É cuidar de como nutrimos e sustentamos a força e o incômodo necessário para agir. É cuidar do poder de nossas raízes. E é também enraizar-se em práticas de cuidado que potencializam nosso poder individual e nos ajudam a navegar nossas contradições, coletivamente.

Ser ativista é cuidar do poder nas relações e organizações. É olhar e se importar em como nos relacionamos e nos organizamos para agir. É dar atenção aos detalhes e ao todo. É desafiar o poder estrutural e externo, enraizado em estruturas patriarcais e capitalistas. Cuidar é estar sempre atento para não replicar o que essas estruturas têm de pior nas relações e organizações que construímos para desafiá-las. Cuidar é praticar o comum entre nós.

Ser ativista é apostar na diversidade do cuidado. O ativismo é essencial, complexo e intransigente. Assim é também o cuidado. Ser ativista é atentar para o cuidado como conceito em disputa e em eterna construção. Cuidado não tem resposta pronta. Cuidar é universal em sua essência e é único e exclusivo para cada pessoa. É tudo isso e mais que isso. É um pouco, todo dia. E é muito. É uma opção política para a vida que decidimos viver.

Cuidar é ser. Cuidar é sentir. Cuidar é agir. Ser ativista é ser, sentir, agir e cuidar. Sozinhas e coletivamente.

O ativismo cura se há consciência do que nos nutre e o que nos esvazia, individualmente, em nossos relacionamentos e dentro de nossas organizações. O ativismo cura se for feito com presença, escuta, troca, rede e gestos menores. Com cuidado. Sem isso, adoece.

Afinal, tudo são luzes
e a gente se acende
é nos outros.

Mia Couto, 2016

INSTITUTO
PROCOMUM